

PREFÁCIO

Para mim, é um prazer apresentar este manual de psicologia social, pois há nele a participação de investigadores brasileiros destacados com os quais tenho coincidido nos caminhos para a criação de uma psicologia social científica e de relevância social.

Na primeira parte deste manual, são revisados os problemas da filosofia da ciência e metodológicos da psicologia social de forma acessível, mas complexa. Na segunda parte, temos capítulos que revisam a cognição social, as atitudes, os valores que orientam a conduta social nas culturas e um que discute a perspectiva das representações sociais, que incorpora aspectos socioculturais e dinâmicas grupais no estudo da mente social. Nessa parte também temos um capítulo sobre o tema das emoções, incluindo as emoções coletivas, o que é uma amostra que o livro não se limita ao individualismo metodológico e incorpora níveis de análises societais além de grupais e intergrupais. Ainda nessa parte, se discutem os temas relacionados à influência social. Na terceira e última parte são abordados os temas das relações intergrupais e processos grupais, a identidade social, o preconceito e gênero. O livro incorpora também um capítulo sobre a psicologia discursiva, que é muito popular na América Latina, o que justifica sua inclusão. Essa aproximação enfatiza um construcionismo linguístico cuja expressão lógica é a ideia que o sexo e o gênero seriam apenas uma performance narrativa e que o central seria a subjetividade ou identidade. Essa aproximação eleva a linguagem e as narrativas como processos centrais e, por exemplo, se afasta do realismo crítico de Roy Bhaskar que aceita uma realidade independente ou não reduzível ao discurso (para uma argumentação desse estilo dentro do tema do gênero ver Stock (2022) e para um aprofundamento do realismo crítico ver Edwards et al. (2014)). Nesse ponto, também vale a pena destacar que este manual e seus capítulos se ancoram na tradição clássica de Musesafer Sherif, Solomon Asch, Stanley Milgram, Henri Tajfel e Serge Moscovici. Além disso, integram estudos próprios do contexto brasileiro.

Essas características do livro são importantes porque permitem confrontar os problemas de validade interna, estatística e conceitual da psicologia social anglo-saxã. Os capítulos mostram que os autores não se deixam arrastar à deriva pela vertente intrapsíquica dominante em boa parte da psicologia social. Essa ênfase no processo intrapessoal e individual foi acentuada primeiramente na vertente cognitiva e, na atualidade, nas neurociências. Ambas, fetichizam com estruturas internas do sujeito. Portanto, a ênfase do livro no comportamento social e nos estudos mais centrados na interação social são um aspecto que o recomenda como manual de referência. Essa não é uma afirmação preconceituosa, mas é baseada em evidências, como veremos em seguida.

As réplicas coletivas e as meta-análises têm mostrado a fragilidade da psicologia social do *mainstream* e colocado o problema da replicação.¹

Uma parte importante dos estudos da cognição social têm mostrado a baixa replicabilidade e inconsistência dos seus efeitos. As meta-análises têm indicado que os efeitos são baixos ou inexistentes, como por exemplo os da assimetria ator-observador e os do erro fundamental. A meta-análise realizada por Malle (2006) encontrou pouco apoio para a tendência da assimetria ator-observador, que aconteceria quando as pessoas atribuem seu próprio comportamento, mais ao ambiente e o comportamento do outro a seus atributos individuais. O erro fundamental da atribuição, que aconteceria quando fazemos atribuições para o comportamento mais centradas nas pessoas do que no ambiente, tampouco teve um efeito consistente. Se eu apoio uma versão parcial do erro de atribuição: os observadores sobrestimam erroneamente a influência dos fatores pessoais no comportamento.

Um conhecido projeto replicou 100 estudos publicados em três revistas de psicologia (Open Science Collaboration, 2015). Em conjunto, os resultados obtiveram 36% de replicações, 25% fracassaram e o restante das replicações não obtiveram resultados claros². Todas as revistas mostraram uma redução em torno de 50% nos tamanhos do efeito, sendo as replicações da área da psicologia social, *Journal of Personality and Social Psychology*, particularmente afetadas, tendo uma redução em torno de 75%, de 0,29 a 0,007 o tamanho do efeito (Nelson et al., 2018).

Em particular, não foram replicados os efeitos da pré-ativação cognitiva do comportamento (que ativar palavras vinculadas à velhice faziam as pessoas andarem mais devagar (Genschow et al., 2020)) ou os da cognição incorporada (que adaptar a atitude de supermulher aumentava a autoestima, rendimento e estado físico (Elkjær et al., 2020)). Da mesma forma, efeitos como o do reforço de acordo com as normas cultu-

1 Essa crise é geral, pois ocorre nas ciências médicas, sociais, econômicas, psicologia clínica entre outras.

2 Esse fracasso pode ser matizado à luz de três definições quantitativas do êxito da replicabilidade: a) os resultados da replicação coincidem com os resultados originais tanto na direção do efeito como na significância estatística (utilizando o valor convencional de 0,05); com esse critério se obteve 36% de êxito; b) a estimativa do tamanho do efeito proporcionada pelo estudo original estava dentro do intervalo de confiança de 95% da estimativa da replicação (com esse critério se obteve um êxito de 47%); ou c) uma estimativa meta-analítica baseada nos estudos originais e da replicação são diferentes de zero (com esse critério se obteve um êxito de 70% (Stanley et al., 2018)).

rais provocados pela saliência da mortalidade ou o da fadiga do ego tampouco foram replicados (Genschow et al., 2021).

Além disso, ao contrário de estudos com poucos sujeitos mostrando resultados espetaculares, verificou-se que os efeitos são baixos. O tamanho médio do efeito é de $r = 0,21$ ou $d = 0,43$ e a mediana $r = 0,24$ ou $d = 0,36$ em psicologia social e em geral (Lovakov & Agadullin, 2021). Ademais, a heterogeneidade é alta. A variância real não explicada pelo erro amostral fica entre 72% e 74% (Stanley et al., 2018). Em geral, o poder estatístico do estudo experimental modal é baixo. Com alfa de 0,05, uma amostra por condição como a que é habitual de $N = 40$ e um tamanho de efeito de $r = 0,21$ ou $d = 0,43$, a probabilidade de replicar um efeito é de apenas 36%, que foi o encontrado pelo projeto de replicação (Stanley et al., 2018).

Essa fragilidade pode ser parcialmente explicada pelo viés da publicação: as descobertas com valores estatisticamente significativos ou as descobertas consistentes com as teorias têm mais probabilidades de serem publicadas, comunicadas e promovidas do que outras descobertas. Como resultado, qualquer revisão de literatura, incluído as meta-análises, tenderá a sobrestimar a evidência de um efeito positivo já que estarão sobrestimados na amostra observada das descobertas publicadas. Contudo, apesar disso, as meta-análises mostram tamanhos do efeito menores que os experimentos que propõem ou apoiam exemplarmente um paradigma. Outras práticas que dificultam replicações são as de apresentar apenas as condições e variáveis dependentes que funcionam. Entre 12-40% não informam todas as condições dos estudos e entre 45-70% não apresentam todas as medidas (Franco et al., 2015). Outra prática que dificulta a replicação, alimentada pelas exigências das revistas nas quais os estudos devem ser hipotético-dedutivos, é a apresentação de resultados exploratórios como confirmatórios ou das hipóteses retrospectivas. Nos estudos médicos, os resultados positivos baixaram de 57% para 8% quando o pré-registro passou a ser obrigatório em 2000 e isso provavelmente aconteça também na psicologia. Em uma pesquisa recente pré-registrada com mais de sete mil pesquisadores da psicologia estadunidense sobre seu próprio uso e de seus colegas de práticas questionáveis, se estimou que em torno de 18% utilizou pelos menos uma no último ano e aproximadamente 25% declarou conhecer pessoas em sua rede social que haviam utilizado essas práticas (Fox, Honeycutt, & Jussim, 2018). Como forma de enfrentar essas práticas que fragilizam a investigação, se tem defendido o cálculo do poder estatístico para se obter estudos com alta potência.³ Menos de 10% dos estudos cumprem os requisitos de poder estatístico

3 Ao se tomar uma decisão estatística, corre-se o risco de incorrer em dois tipos de erro: Tipo I (α = probabilidade de refutar H_0 quando ela é verdadeira e aceitar hipóteses de efeito ou relação quando é falsa) e Tipo II (β = probabilidade de manter H_0 quando é falsa ou refutar a hipótese alternativa quando é correta). Em um exemplo clínico, o primeiro risco é apoiar um tratamento quando o dano ou não é mais eficaz quanto o placebo ou tratamentos anteriores. O segundo é refutá-lo quando ele é benéfico. A probabilidade de um erro Tipo I é fixada de antemão (habitualmente, $\alpha = 0,05$). A potência de uma prova é o complemento da probabilidade de um erro Tipo II ($1 - \beta$). Por convenção, se propõe uma potência de 0,80 ($\beta = 0,20$). Um valor inferior implicaria em um grande risco de um erro Tipo II e um valor superior exigiria uma amostra muito grande. Com essa convenção de 80%, a probabilidade de um erro Tipo II (ou um falso negativo) é quatro vezes superior à probabilidade de 0,05 de um erro Tipo I (ou falso positivo). Para alguns, um erro Tipo II de 20% segue sendo muito alto (Schmidt & Hunter, 2015). PE de 0,80 implica que, realizando 100 estudos avaliando um efeito real, que deveriam ser encontrados 80 resultados significativos.

(Stanley et al., 2018). Para um tamanho do efeito de $r = 0,20$, com poder estatístico de 0,80 e $p = 0,05$ é necessária uma amostra de 392. Para $d = 0,20$ e $r = 0,10$, como alfa de 0,50 e 80% de poder estatístico, o N por grupo é de 393 para d ($N = 786$) e 784 para r (Rosenthal & Rosnow, 2008). Para administrar as práticas que inflam efeitos e os maquiagem, se tem defendido como solução o pré-registro de hipóteses e variáveis. Isso aumenta o trabalho e os trâmites burocráticos necessários antes do início de uma investigação. Isso mostra que a coleta de dados colaborativa é uma exigência inevitável, inelutável.

Finalmente, a neurociência está na moda e o cérebro se tem convertido no homúnculo explicativo atual – o cérebro aprende etc. Ademais, isso ignora que o cérebro interage com todo o organismo e este com o seu ambiente, assim parece que a neurociência é muita fumaça e pouco fogo. A meta-análise de 90 experimentos de ressonância magnética funcional revelou uma confiabilidade geral baixa: coeficiente de correlação intraclassa (CCI) médio $r = 0,397$.

As confiabilidades teste-reteste da atividade nas regiões cerebrais de interesse a priori por meio de onze tarefas comuns de ressonância magnética coletadas pelo Projeto Conhecimento Humano ($N = 45$) e o Estudo Dunedin ($N = 20$) foram pobres ($ICCs = 0,067-0,485$). Boekel et al. (2015 citado em Elliot et al., 2020) fizeram uma replicação com pré-registro de cinco correlações estruturais da relação cérebro-comportamento que incluíam um total de 17 efeitos dos quais todos, com exceção de um, eram não significativos. O principal problema era a baixa potência estatística causada por tamanhos de amostras baixos (os 90 experimentos acumulavam apenas mil participantes, ou seja, um $N = 12$ por estudo, o que é muito baixo) e efeitos contraditórios (Elliot et al., 2020). Os autores concluem que essas descobertas que demonstram medidas comuns de tarefas-fMRI não são, na realidade, adequadas para o descobrimento de bio-marcadores cerebrais ou para a investigação de diferenças individuais.

Outra vantagem do livro é que descreve estudos no contexto brasileiro. Além dos limites de validade interna e estatísticas, os estudos em psicologia social *mainstream* carecem de validade externa. Em torno de 70%-80% são feitos com estudantes mulheres anglo-saxãs e a tendência WEIRD (*Western Educated Industrialized Rich Democratic*)⁴ tem sido ressaltada (Yaeger et al., 2019). Os estudos têm demonstrado que os

4 Se tem defendido que essa caracterização é, em si, um viés de apresentação positiva. Primeiro, “ocidentais” é relativo: países como EUA e o Reino Unido têm uma grande população de imigrantes e em torno de 5% dos estudantes dos EUA e 15% do Reino Unido são estrangeiros – a maioria não ocidentais. Segundo “educados” é uma visão positivista. Uma pesquisa mostrou que os estudantes dos EUA “sabem assombrosamente pouco sobre a história estadunidense, pensamento político, economia de mercado e relações internacionais”. A pontuação média global dos sete mil estudantes universitários que realizaram o exame foi de 54,2%, o que equivale a um “insatisfatório”. Inclusive, os estudantes das universidades mais bem avaliadas do país obtiveram resultados baixos no exame. Os estudantes de último ano de Harvard com a melhor pontuação, obtiveram uma nota média global de 69,6%, equivalente a um insatisfatório de “D+”. Os estudantes de outras universidades de alto nível, como Yale e Princeton, obtiveram uma pontuação um pouco mais baixa e para as 18 instituições incluídas na pesquisa, a pontuação média foi inferior a 50% (www.diverseeducation.com). Em torno de 69% dos estudantes são religiosos e 42% das pessoas com educação superior dos EUA acreditam em

efeitos encontrados entre estudantes anglo-saxões não se replicam ou se replicam fracamente em amostras de não estudantes e de outras culturas (Yaeger et al., 2019). A ênfase do livro em estudos brasileiros e não apenas com estudantes permite enfrentar essa problemática.

Espero com este prefácio ter transmitido tanto a riqueza do livro como a magnitude do desafio que tem a psicologia social atual. Minhas felicitações aos editores e autores.

Dário Páez

San Sebastian, España, 14/09/2022

REFERÊNCIAS

- Edwards, Paul K.; O'Mahoney, Joe; Vincent, Steve, eds. (2014). *Studying organizations using critical realism: a practical guide* (First edition. edición). Oxford: Oxford University Press.
- Elkjær, E., Mikkelsen, M.B., Michalak, J., Mennin, D.S., & O'Toole, M.S. (2020). Expansive and Contractive Postures and Movement: A Systematic Review and Meta-Analysis of the Effect of Motor Displays on Affective and Behavioral Responses. *Perspectives on Psychological Science*, 17, 276-304.
- Elliott ML, Knodt AR, Ireland D, Morris ML, Poulton R, Ramrakha S, Sison ML, Moffitt TE, Caspi A, Hariri AR. What Is the Test-Retest Reliability of Common Task-Functional MRI Measures? (2020) *New Empirical Evidence and a Meta-Analysis*. *Psychol Sci*. 31(7):792-806. doi: 10.1177/0956797620916786. Epub 2020 Jun 3. PMID: 32489141; PMCID: PMC7370246.
- Franco, A., Malhotra, N., & Simonovits, G. (2016). Underreporting in psychology experiments: Evidence from a study registry. *Social Psychological and Personality Science*, 7(1), 8-12. <https://doi.org/10.1177/1948550615598377>.
- Fox, N. W., Honeycutt, N., & Jussim, L. (2019). How many psychologists use questionable research practices: Estimating the population size of current QRP users. *Advanced online publication*. <https://psyarxiv.com/3v7hx>.
- Genschow, O., Westfal, M., Crusius, J., Bartosch, L., Feikes, K. I., Pallasch, N., & Wozniak, M. (2021). Does social psychology persist over half a century? A direct

fantasmas e 35% em habilidades sobrenaturais (Silva & Woody, 2022). A desindustrialização questiona o industrializado, os países são de altos salários, mas desiguais e os estudantes terminam com grandes dívidas, o que questiona o "rico". "Democráticos" também deve ser relativizado já que um terço das pessoas com educação superior dos EUA acreditam em teorias da conspiração antidemocráticas: para 29% George Soros busca dominar o mundo e 26% acredita que a família Rothschild controla o mundo (Uscinski et al., 2002).

replication of Cialdini et al.'s (1975) classic door-in-the-face technique. *Journal of Personality and Social Psychology*, 120(2), e1-e7. <https://doi.org/10.1037/pspa0000261>.

- Lovakov, A y Agadullin, E.R. (2021) Empirically derived guidelines for effect size interpretation in social psychology. *Eur J Soc Psychol*. 2021;51:485-504. DOI: 10.1002/ejsp.2752.
- Malle, B. F. (2006). "The actor-observer asymmetry in attribution: A (surprising) meta-analysis". *Psychological Bulletin*. 132 (6): 895-919. doi:10.1037/0033-2909.132.6.895.
- Nelson L. D., Simmons J., Simonsohn U. (2018). Psychology's renaissance. *Annual Review of Psychology*, 69(1), 511-534. <https://doi.org/10.1146/annurev-psy-122216-011836>.
- Psychology Reproducibility Project: Psychology (Open Science Collaboration, 2015)
- Rosenthal, R., & Rosnow, R. L. (2008). *Essentials of behavioral research: Methods and data analysis* (3rd ed.). Boston: McGraw Hill.
- Silva, T., & Woody, A. (2022). Supernatural Sociology: Americans' Beliefs by Race/Ethnicity, Gender, and Education: *Socius: Sociological Research for a Dynamic World*, 8, 1.
- Stanley, T.D., Carter, E.C. y Doucouliagos, H. (2018) What Meta-Analyses Reveal about the Replicability of Psychological Research *Psychological Bulletin*.144(12):1325-1346. doi: 10.1037/bul0000169.
- Stock, K. (2022). *Material Girls: Por qué la realidad es importante para el feminismo*. Barcelona:Shacleton Books.
- Yeager, D. S., Krosnick, J. A., Visser, P. S., Holbrook, A. L., & Tahk, A. M. (2019). Moderation of classic social psychological effects by demographics in the U.S. adult population: New opportunities for theoretical advancement.*Journal of Personality and Social Psychology*, 117(6), e84-e99. <https://doi.org/10.1037/pspa0000171>.
- Uscinski J, Enders A, Klofstad C, Seelig M, Drochon H, Premaratne K, et al. (2022) Have beliefs in conspiracy theories increased over time? *PLoS ONE* 17(7): e0270429. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0270429>.
- www.diverseeducation.com/students/article/15085354/study-shows-us-college-students-have-inadequate-knowledge-of-american-history-and-institutions